

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

Recebido em: 30/03/2023

Publicado em: 08/09/2023

**MEDICALIZAÇÃO E PRODUTIVIDADE: REFLEXÕES SOBRE O
DOCUMENTÁRIO “TAKE YOUR PILLS” NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA
HISTÓRICO-CULTURAL**

Talita Oliveira Matos¹ Orcid 0009-0003-5320-0559

Thaís Muniz da Silva² Orcid 0009-0000-0660-8795

Denise Kloeckner Sbardelotto³ Orcid 0000-0001-5693-4986

RESUMO. Este artigo apresenta um estudo sobre a relação do uso excessivo de estimulantes no período da segunda fase da adolescência e fase adulta, sob o olhar da Psicologia Histórico-Cultural, relacionando a medicalização com demanda por produtividade, rompendo com a perspectiva biologizante e buscando compreender as causas, consequências e as interferências na produtividade exigida pela sociedade capitalista em decorrência do uso excessivo de medicamentos. O objetivo geral foi pautado em analisar as causas da medicalização de jovens e adultos e sua relação com a produtividade na sociedade capitalista na perspectiva histórico-cultural. Os objetivos específicos foram traçados para investigar as características da adolescência e fase adulta e suas relações com a atividade profissional e no mundo do trabalho; analisar a medicalização na adolescência e fase adulta a partir do documentário “Take Your Pills” e verificar a relação da medicalização com o rendimento universitário e profissional e seus reflexos na saúde mental. Em consonância com o referencial bibliográfico selecionado, o estudo lançou olhar sobre a temática à luz de categorias do método materialista histórico-dialético e utilizou como recurso mediador de discussão o documentário americano “Take Your Pills” (2018), dirigido por Alison Klayman e produzido pela Motto Pictures, sistematizado na técnica de análise de conteúdo conceituada por Bardin (2011). A partir do estudo, percebe-se

¹ Centro Universitário UniFatecie, e-mail: talimatos.tm@gmail.com

² Centro Universitário UniFatecie, e-mail: thais-muniz@gmail.com

³ Centro Universitário UniFatecie, e-mail: deniseklsb@gmail.com

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

que o uso de medicamentos anestesia o sentimento de incapacidade que a cobrança excessiva da sociedade causa, mas ele não deixa de existir e acaba sendo externalizado fazendo com que isso interfira no desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Medicalização. Capitalismo. Adolescência.

MEDICALIZATION AND PRODUCTIVITY: REFLECTIONS ABOUT THE DOCUMENTARY “TAKE YOUR PILLS” IN THE PERSPECTIVE OF HISTORICAL-CULTURAL PSYCHOLOGY

ABSTRACT. This article presents a study on the relationship between the excessive use of stimulants in the period of the second phase of adolescence and adulthood, from the point of view of Historical-Cultural Psychology, relating medicalization to the demand for productivity, breaking with the biological perspective and seeking to understand the causes, consequences and interference in the productivity required by capitalist society as a result of the excessive use of medicines. The general objective was based on analyzing the causes of the medicalization of young people and adults and their relationship with productivity in capitalist society in the historical-cultural perspective. Specific objectives were designed to investigate the characteristics of adolescence and adulthood and their relationships with professional activity and the world of work; to analyze medicalization in adolescence and adulthood from the documentary “Take Your Pills” and to verify the relationship between medicalization and university and professional performance and its effects on mental health. In line with the selected bibliographic reference, the study looked at the theme in the light of categories of the historical-dialectical materialist method and used the American documentary “Take Your Pills” (2018), directed by Alison Klayman, produced by Motto Pictures, systematized in the content analysis technique conceptualized by Bardin (2011). From the study, it is clear that the use of medication anesthetizes the feeling of incapacity caused by excessive demands from society, but it does not cease to exist and, at one time or another, ends up being externalized, causing it to interfere positively or negatively in human development.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

Keywords: Medicalization. Capitalism. Adolescence.

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é a medicalização e produtividade, a partir de reflexões sobre o documentário “Take Your Pills” (2018) e da perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural. Na sociedade contemporânea, muitos adolescentes em fase universitária e adultos em atividades profissionais, acabam medicalizados por problemas de saúde mental. Muitas vezes, este processo não resolve as causas dos problemas, mas apenas os camufla. Conforme informado no documentário, o número de crianças que tomam estimulantes aumentou dramaticamente nas últimas décadas. Em 1990, 600 mil crianças tomavam estimulantes nos Estados Unidos e, em 2011, esse número chegou a 3,5 milhões. No Brasil, segundo dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa, 2012), o consumo de metilfenidato em 2009 era de 40.000 UFD e, em 2011, o consumo médio chegou próximo a 120.000 UFD.

Sendo assim, busca-se compreender a medicalização na vida adulta, no contexto do trabalho e na vida universitária, rompendo com a perspectiva biologizante e buscando compreender as causas, consequências e interferências da medicalização excessiva, em específico da adolescência e da fase adulta, relacionando este quadro com as demandas da sociedade capitalista. Para a Psicologia Histórico-Cultural, o comportamento humano é determinado pela junção de fatores genéticos, biológicos, psicológicos e ambientais. Sendo assim, percebe-se que o ser humano precisa ser olhado em sua totalidade, pois todo o meio influencia suas atitudes, pensamentos e queixas. A Psicologia Histórico-Cultural considera o sujeito em sua totalidade, portanto, o sujeito é o resultado da relação que tem com o meio que o rodeia desde o seu nascimento. Logo, não há existência humana acabada e abstrata; o homem é o produto de sua vinculação junto ao meio, ou seja, a edificação do conhecimento humano é histórica, sem tempo ou data para acabar, é construída nas relações que o indivíduo estabelece simultaneamente com os outros sujeitos e também com a natureza, ela é cultural, histórica e mediada (Vigotski 1998). Dessa forma, ao analisarmos os sujeitos e suas respectivas fases,

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

apresentaremos sua realidade material de acordo com o contexto histórico e cultural em que estão inseridos.

Uma frase de grande importância de Karl Marx (2000, p. 6) foi que “[...] os homens fazem sua própria história, mas não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”. Partindo desta relevante reflexão, chegamos ao enfoque deste trabalho no contexto histórico atual, em uma sociedade capitalista que demanda produtividade, indivíduos que apresentem resultados e a medicalização sendo utilizada como uma via para gerar sujeitos mais lucrativos e produtivos.

Esse estudo é de natureza teórico-bibliográfica com a mediação de um documentário, que visa compreender o tema embasado nos estudos do autor e nos depoimentos por ele organizados. De acordo com Gil (2002 p. 44), “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”. O referencial bibliográfico selecionado lançou olhar sobre a temática à luz de categorias do método materialista histórico-dialético, tais como totalidade, contradição, mediação e ideologia. Utilizamos como recurso mediador de discussão o documentário americano “Take Your Pills” (2018), dirigido por Alison Klayman e produzido pela Motto Pictures, pautando-se na técnica de análise de conteúdo conceituada por Bardin (2011). Com o auxílio desta técnica, foi realizada uma pré-análise do conteúdo do documentário, através da transcrição de trechos da narração ou depoimentos considerados mais relevantes. A partir deste material, foram definidas categorias de análise, de forma a agrupar temas de maior interesse para a pesquisa, relacionados à medicalização, que foram: produtividade e competitividade; alienação e mercado de trabalho; e adoecimento mental. Por fim, foi realizada a análise e interpretação das falas e depoimentos, relacionando-os com a bibliografia utilizada.

Desta forma, o trabalho é pautado de levantamentos criteriosamente analisados para compor o conteúdo estudado a respeito da medicalização na sociedade capitalista. Baseado nos autores acima citados, esse tipo de pesquisa nos permite traçar um histórico sobre o objeto estudado e respostas anteriormente analisadas sobre os dados e assuntos levantados. Nos deparamos com os seguintes problemas: qual a relação entre o documentário “Take Your Pills” e os pensamentos de Leontiev e Vygotsky na perspectiva histórico-cultural? Quais os efeitos

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

que o mundo do trabalho causa no sujeito trabalhador e quais as possibilidades de superação? Quais as consequências da medicalização sobre o rendimento universitário e profissional? Qual a relação entre a medicalização e a produtividade na sociedade capitalista?

Com suporte no documentário, mostraremos a lógica produtivista própria da sociedade capitalista e como estes fatores estão levando os adolescentes e adultos a fazerem uso excessivo de medicações, em muitos casos, prejudicando sua saúde tanto mental quanto física. A análise do documentário evidenciou ideias consideráveis para que pudéssemos afirmar que os valores da sociedade capitalista, como por exemplo, o individualismo e a busca incansável por atingir metas e ser bem-sucedido, podem contribuir para o adoecimento físico e mental, como mencionado acima.

MEDICALIZAÇÃO E PRODUTIVIDADE NA SOCIEDADE CAPITALISTA

Segundo o dicionário Michaelis (2017), a palavra “produtivo” significa: produção, fertilidade, rendimento, prazer e a palavra “produtividade”, entende-se como “o resultado do que é produtivo, do que é rentável, capacidade de produzir, gerar um produto fruto do trabalho”. Logo, os termos remetem mais à qualidade do que à quantidade (Facci & Urt, 2017).

A sociedade capitalista cobra do sujeito muito mais quantidade de produtividade do que qualidade e, com isso, a produtividade excessiva pode ocasionar adoecimento, fazendo com que o sujeito se sinta improdutivo, ou seja, sinta-se incapaz de executar suas tarefas com o mesmo ritmo de antes.

O capitalismo afeta a classe trabalhadora em suas formas objetivas e subjetivas. O trabalhador considerado como “mercadoria básica no processo de produção capitalista”, mas é preciso ter saúde para estar em trabalho. Ou seja, se não tiver saúde, não serve mais para o trabalho (Gomes, Carvalho & Mello, 2018, p. 46).

De acordo com Gomes, Carvalho e Mello, a sociedade cobra que o sujeito tenha saúde para conseguir exercer suas funções de forma efetiva, porém, muitas vezes, a própria sociedade

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

o adoecer, comprometendo sua saúde física e mental, causando o uso de medicamentos, muitas vezes controlados, para que o trabalhador consiga satisfazer a demanda da empresa de forma eficaz.

Em outro aspecto, pode-se perceber que a cobrança da sociedade acaba comprometendo a produtividade por conta da medicalização, ou seja, o uso de medicamentos em excesso. Vejamos o que Facci e Urt (2017, p. 103) entendem por medicalização:

Esta utilização indiscriminada de remédios, que vem ocorrendo em todas as esferas da vida, na tentativa de solucionar problemas que são, em sua essência, de ordem social, política e cultural, mas que acabam sendo atribuídos a questões médicas e apresentados como “doenças”, “transtornos” ou “distúrbios”, é o que entendemos como medicalização (Facci & Urt, 2017, p. 103).

Conforme afirmam Facci e Urt (2017), na maioria das vezes, as dificuldades encontradas pelos funcionários na produtividade, são de origem social, cultural e política e que, muitas vezes, procuram ajuda médica, pois tais sensações e sentimentos costumam ser de difícil compreensão. Os sujeitos, ao buscarem por ajuda, obtêm receitas de remédios que podem torná-los dependentes.

Outro aspecto que merece destaque ao abordar sobre a medicalização é sua relação com o capital, que, motivado por interesses financeiros, amplia diagnósticos, já que mais diagnósticos significa mais dinheiro para a indústria farmacêutica. Até mesmo pesquisadores e organizações federais de Medicina asseguram suas posições e financiamentos, promovendo descoberta de suas doenças. Assim sendo, doenças são descobertas para que mais medicamentos sejam vendidos (Facci & Urt, 2017, p. 106).

Para Facci e Urt (2017), a lógica capitalista se resume em que a indústria farmacêutica está motivada por interesses financeiros, visto que, quanto mais diagnósticos, mais pessoas dependem do remédio e gera maior lucro à indústria. Sendo assim, entende-se que o uso excessivo de medicamentos sem de fato um diagnóstico preciso e rigoroso, contribui com o lucro da indústria farmacêutica e as pessoas utilizam cada vez mais remédios contínuos para ofuscar os sintomas naturais como: ansiedade, tristeza, raiva, dentre outros.

Conforme Stacciarini, Chaveiro e Borges (2020), além da necessidade de consumir medicamentos como um alívio para o ritmo frenético do trabalho e do estilo de vida moderno,

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

a doença também é vista como uma possibilidade de espoliação, que invade a eficácia humana constituída por uma vida medicalizada. Se antes os desequilíbrios psíquicos e físicos, eram vistos como passíveis de retaliação, punição e exclusão, hoje tornam-se relevantes para a produção e crescimento do sistema capitalista, que precisa de tudo e de todos, tanto do trabalhador e como do consumidor e assim tem na medicalização uma nova possibilidade de lucro, garantido pela dependência dos medicamentos.

ADOLESCÊNCIA E FASE ADULTA: ATIVIDADE PROFISSIONAL E MUNDO DO TRABALHO

A adolescência é uma fase de construção social que diz respeito às experiências entre a infância e a idade adulta. É nesta fase em que uma gama de transformações biológicas, sociais e psicológicas acontecem de acordo com o contexto sociocultural em que o indivíduo se encontra inserido. Segundo Zanelato e Urt (2019) a medida em que vamos amadurecendo e ficando mais velhos e o desenvolvimento do psiquismo se torna mais avançado, nosso nível de responsabilidades e interesses diante da sociedade vão se direcionando para a atividade de trabalho, assim os objetivos para estudo visam a preparação para trabalhos no momento ou no futuro.

Essa afirmativa é corroborada por Rios e Rossler (2017), que confirmam que na fase adulta, o psiquismo do sujeito trabalhador é reorganizado, apontando a sua direção para as mudanças na personalidade que serão necessárias no mundo do trabalho. Em contrapartida este processo é privado pela sociedade através da relação social de exploração e dominação que impõe limitações ao desenvolvimento causado pelo trabalho como em uma sociedade capitalista.

Vigotski (1930; 1998) sinalizava em suas obras a importância das relações biossocioculturais para o indivíduo e, em sua perspectiva, podemos entender o desenvolvimento humano a partir de suas experiências na infância, podendo agregar à vida adulta. É, portanto, a partir do que vivemos com o outro e do que vivemos ao longo do desenvolvimento, que nos

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

adaptamos e modificamos nossas necessidades. O resultado dessas experiências amadurece o sujeito social e historicamente determinado, voltando a frisar que esse amadurecimento é fruto de toda uma história construída ao longo da vida, enquanto esse sujeito é membro da sociedade.

Chegando a esta fase, o sujeito se vê envolto a uma sociedade capitalista que pede resultados e produção em massa. Assim, devemos considerar o momento em que esse sujeito chega para o mercado de trabalho que exige tanto. Conforme Marx (s/d), na sociedade capitalista, o trabalho se torna um processo de exploração entre classes sociais, na qual a classe dominante exige gradativamente mais produção e resultados da classe trabalhadora. A atividade do trabalho ocupa um lugar importante na humanidade e sem ele não poderia haver desenvolvimento humano. Porém, conforme Lessa (1999) a exploração do trabalho nas sociedades de classe é mediada pela demanda do lucro, acarretando num processo de alienação e desumanização do trabalhador:

Em outras palavras, todo ato de trabalho nas sociedades dominadas pelo capital é mediado pela contradição entre as classes burguesa e proletária. Pois, há dois momentos distintos do trabalho que são exercidos por indivíduos diferentes, e que pertencem a distintas classes sociais: ao trabalhar, o trabalhador deixa de lado suas necessidades enquanto pessoa humana e se converte em instrumento para a execução das necessidades de outrem (Lessa, 1999, p. 30).

Lessa considera que o trabalhador exerce suas funções para suprir as necessidades de outrem e de uma maneira geral, na sociedade capitalista, o trabalho tem feito com que o homem se torne uma mera ferramenta, como confirma Vigotski (1930, p. 5): “Os trabalhadores transformam-se em “extensões vivas das máquinas”, e o resultado é a “tenebrosa monotonia, o infinito tormento do trabalho”, que Marx diz ser o elemento característico do período de desenvolvimento capitalista inicialmente descrito.”

Na sociedade capitalista dentro do mundo do trabalho, entende-se então que nas fases de desenvolvimento é necessário enfrentar a sociedade que demanda inúmeras limitações e exigências. Podemos dizer que o trabalho ocupa um lugar central na vida cotidiana do ser humano em qualquer momento da história. Ele se torna importante a partir do momento em que se torna um organizador da vida em sociedade.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

REFLEXÕES SOBRE O DOCUMENTÁRIO: “TAKE YOUR PILLS”

“Take Your Pills” (“Tome suas pílulas”, traduzido para o português) é um documentário que analisa a rotina de pessoas que precisam estar sob o uso de medicamentos, tais como Ritalina e Adderall. Ambos medicamentos são receitados para pessoas com diagnóstico de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

O documentário, em sua maioria, se refere a pessoas que utilizam os medicamentos para melhor performance nas áreas que julgam necessárias. Porém, somente dois dos entrevistados no documentário, relatam utilizarem dos medicamentos para controlar TDAH.

Um dos entrevistados, que prefere não se identificar, relatou já ter utilizado medicamentos para conseguir passar o período noturno trabalhando, com o objetivo de alcançar a meta solicitada pela chefia. O mesmo relatou que é recorrente em empresas grandes, o uso de Adderall, pois há uma competitividade muito alta no mercado de trabalho e, para isso, precisa-se melhor performar. Outro entrevistado (produtor musical), relata que utilizar medicamentos o faz ser um “capitalista melhor”. O documentário mostra algumas situações em que pessoas tiveram dificuldades, devido ao uso e abuso do remédio controlado. Mesmo receitados por médicos, essas drogas acarretam prejuízos para a saúde pessoal e profissional das pessoas que ali relatam suas histórias.

A narrativa principal do documentário é o uso disseminado dos medicamentos para um melhor desempenho físico, mental e social, mediante a atividades que devem ser executadas no dia a dia. Apesar de esses medicamentos serem indicados somente para pessoas diagnosticadas com TDAH, o documentário deixa evidente como o uso se tornou generalizado entre pessoas que não necessitam do uso do mesmo, principalmente entre universitários, que os utilizam para suprir as necessidades sociais citadas acima, como metas de estudo e de trabalho.

Correlacionando com o documentário “Take Your Pills” (2018), é extremamente visível que os valores da sociedade capitalista como, por exemplo, o individualismo, em uma

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

incansável busca por ser bem-sucedido e chegar às metas impostas pela sociedade, além da produtividade na qual as empresas cobram cada vez mais, deixa a população cada vez mais dependente de medicamentos. Na maioria das vezes, a demanda pode ser suprida pelo acompanhamento psicológico, não sendo necessário o uso de medicamentos. A psicoterapia é um caminho essencial para a saúde mental na produtividade do indivíduo, visto que toda produtividade exige cobranças e que na maioria das vezes o mesmo acaba tendo muita dificuldade em lidar com tais situações (FACCI & URT, 2017).

A cultura de superprodutividade em que vivemos e como isso reflete, principalmente nos mais jovens, e a exigência e pressão sobre os universitários, por exemplo, são os pontos principais que o documentário coloca em discussão. Além de estudantes universitários, o documentário também aponta a procura de medicamentos por parte de atletas e profissionais do meio corporativo e outros que buscam os resultados milagrosos que eles prometem.

Por fim, o documentário tenta trazer em pauta e mostrar ao telespectador este crescente problema na sociedade, que se mostra dependente de medicamentos para a grande parte das situações de seu dia a dia. É importante frisar que o documentário, além de evidenciar essa dependência de medicamentos, mostra a medicalização da vida em si. Não conseguir ficar sóbrio diante de qualquer dificuldade é uma complicação sem precedentes e, infelizmente, desconsiderada. Logo, “Take Your Pills” nos traz reflexões sobre a superprodutividade que é exigida, como isso reflete na vida do sujeito e de toda a sociedade, as pressões que os universitários enfrentam com o ingresso na vida profissional por conta da pressão e cobrança da sociedade.

TECENDO POSSIBILIDADES DE SUPERAÇÃO DA MEDICALIZAÇÃO DA VIDA

Constantemente somos levados a crer que temos que dar conta de tudo de forma rápida e inteligente, porque a sociedade nos impõe logo cedo que vivemos em uma eterna competição. Quando ocorre o abuso do uso de medicamentos, o fato nos leva a concluir que isso nada mais é que uma consequência à pressão que recebemos para dar conta de tudo. Para analisar estas

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

questões, nesta seção utilizaremos algumas falas de profissionais que apresentaram depoimentos no documentário *Take Your Pills* (2018). Para melhor visualização, optamos por apresentá-las em itálico.

De acordo com Facci e Urt (2017) a medicalização está relacionada com a lógica produtivista do modo de produção capitalista, quando se prolonga diagnósticos para que se tenha mais lucro financeiro para a indústria farmacêutica. O médico Dr. Keith Connors – que conduziu o primeiro estudo controlado de Ritalina –, corrobora com esta afirmativa, evidenciando que: “[...] *há muito dinheiro reservado aos médicos que prescrevem o remédio aos seus pacientes sem saber quais serão os efeitos negativos. Alguns são bons, outros são terríveis*”. Sendo assim, o uso prolongado ou irregular de medicamentos ocasiona novas doenças ou problemas, fazendo com que surja uma nova demanda de uso de medicamentos e isso se torna um ciclo permanente.

Vivemos inseridos em uma sociedade que vende a ilusão de felicidade e gozo constante, gerando situações em que pessoas são medicalizadas por não se “encaixarem” nos padrões de vida e demandas de perfeição. Esta prática, que aumenta a produção na indústria farmacêutica, se torna cada vez mais frequente e dá continuidade ao ciclo capitalista.

Diante de um cenário em que somos induzidos a passar por mudanças comportamentais desde cedo, Stacciarini, Chaveiro e Borges (2020) reforçam que isso ocorre com as crianças, que são motivadas à reprodução de temáticas difíceis, com os adolescentes que precisam manter suas notas para ingressar no ensino superior, com os universitários que devem se dedicar aos estudos para garantir uma vaga no mercado de trabalho, bem como com os adultos que precisam manter a sua produtividade para que não sejam retirados do mercado de trabalho. Assim, somos estimulados a ampliar a medicalização com o passar dos anos, para manter as demandas acima citadas. Recorremos aos medicamentos, que passam a ser acionados como um suporte necessário a estas novas convicções e formas de organização social.

Para fundamentar a ideia acima, no documentário “*Take Your Pills*” (2018), o pediatra Dr. Lawrence Diller, enfatiza que: “[...] *a medicalização da vida diária a ideia de que todos poderiam ter uma disfunção acabam banalizando todo o processo e também coloca toda a*

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

sociedade nas mãos de médicos e da indústria farmacêutica.” De fato, estamos em um momento histórico que discursa que nada é impossível e, diante disso, todas as frustrações e fracassos são vistos como doenças e o uso de medicamentos acaba se colocando como uma saída necessária e incentivada pela sociedade.

Em especial, a classe trabalhadora tem se tornado uma classe devoradora de medicamentos, pois eles são utilizados para dormir, estudar, trabalhar, estimular, emagrecer, dentre outros, e isso faz com que se tornem trabalhadores com uma vida medicalizada. Diante disso, notamos que estamos mediante a uma sociedade que se mostra totalmente incapaz de tolerar e lidar com frustrações, ou seja, temos pílulas para lidar com diversas situações do dia-a-dia, nos tornamos máquinas que tem tempo para tudo, como se pudéssemos mudar o *time* do organismo a cada situação que surge. Isso indica que as pessoas não estão aprendendo com as vivências.

Gomes, Carvalho, Melo (2018 p. 46) discorrem sobre o processo produtivo, de cobrar da classe trabalhadora boas condições de saúde para permanecerem inseridas no mercado de trabalho, respaldado no documentário “Take Your Pills” (2018), em que o teórico político Dr. Wendy Brown Teórico afirma:

[...] hoje o problema não é que os trabalhos estão mais escassos, ou que tenha menos vagas nas escolas. É que vivemos em um mundo muito competitivo, e tal competição não é apenas para entrar, mas é algo sem-fim. Todo ser humano agora tem que se ver como capital humano (Take Your Pills, 2018).

Ou seja, o ser trabalhador que se percebe como um capital humano, dificilmente conseguirá encontrar motivação para continuar produzindo de forma eficaz, com saúde plena e força de vontade para produzir cada vez mais e melhor. Como a própria Dra. Wendy Brown retrata no documentário, a competitividade está cada vez mais clara e imposta: ser o melhor da turma, o mais produtivo no trabalho, entrar em uma boa universidade. A sociedade cobra que o ser humano seja cada vez mais capacitado e isso acirra a competitividade no mundo do trabalho. Consequentemente, contribui com o atendimento às necessidades do capital pelo lucro, que

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

demanda por uma mão-de-obra sempre disposta a ceder ao máximo de exploração e alienada de suas condições de vida.

Segundo Moro-Rios (2015) e Carvalho e Martins (2017), na sociedade o trabalho tem duas vias: a alienação e a humanização. O trabalho sendo originado como atividade dominante da fase adulta, ainda que alienante, consegue desenvolver novas capacidades e a reconfiguração da estrutura motivacional. Em relação à produção capitalista, o trabalho reduz a capacidade da formação do indivíduo; a humanidade cobra que o ser humano se desenvolva intelectualmente e produza de forma adequada. Esta cobrança gera empobrecimento tanto no âmbito pessoal como no âmbito profissional.

Com o aumento da cobrança para que o indivíduo seja “o melhor”, produzir maior quantidade com qualidade e, ainda suprir a demanda da sociedade capitalista, o aumento do uso de medicamentos alcança índices cada vez mais altos. Conforme Facci e Urt (2017) retratam de forma clara, o ser humano, para dar conta da demanda proposta na produtividade e suprir os problemas de origem cultural, política e social, acabam recorrendo ao auxílio medicamentoso. O engenheiro de software Nathanael, faz um relato sobre a utilização do Adderall e de como o organismo reage sob o seu efeito:

[...] o Adderall melhora o desempenho. Não acho que tenha algo de errado com isso. Quando o Adderall faz efeito, é como uma onda zen. Tudo fica tranquilo, você fica tranquilo, está tudo na boa e você também, então é só fazer o que precisa. [...] Todos queremos ser incríveis no que estamos tentando fazer. E, se misturar Adderall nisso, consegue-se produzir até meia-noite ou 1h (Take Your Pills, 2018).

Quando Nathanael diz “é como uma onda zen” podemos relacionar sua fala com o efeito anestésico que o remédio causa no usuário, aplacando a angústia causada pela cobrança externa e auto cobrança; sentimentos e sensações que dificilmente são compreendidos e sanados pelo indivíduo sem auxílio médico e psicológico. Utilizando o medicamento Adderall, (mais utilizado segundo o documentário), consegue-se ter mais produtividade, ficar até mais tarde produzindo e/ou estudando de forma ativa e com qualidade.

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

A medicalização excessiva é um problema complexo da sociedade atual e, como tal, não possui uma única via de solução. Entretanto, como uma das possibilidades de reconhecer o problema, podemos perceber que na psicoterapia e nas ações preventivas para com a saúde mental residem alternativas de tratamento e cuidado. Consideramos também que nem todos(as) têm acesso à psicoterapia e, para isso, é necessário maior investimento do Estado em políticas públicas de saúde mental, de modo a democratizar o acesso aos tratamentos psicológicos e psiquiátricos. Ou seja, não há como alterar a lógica produtivista da sociedade capitalista, que impacta nos adultos e adolescentes em ambientes de estudo e trabalho, porém, é necessário que sejam tomadas medidas de conscientização e traçadas estratégias para melhoria da saúde mental, afinal a sociedade cobra em demasia; a competitividade e a comparação estão cada vez mais evidentes. Sobre essa questão Peter, analista financeiro, retrata no documentário:

O funcionário perfeito em um banco de investimentos ou o funcionário perfeito numa firma de tecnologia é quem não diz 'não'. Há uma cultura de ficarmos acordados 16 horas por dia, todos os dias da semana. Se o cara à direita e o cara à esquerda estão com tal rendimento, então você tem que fazer o mesmo. Mas, se estiverem tomando Adderall, você deve estar fazendo o mesmo (Take Your Pills, 2018).

A cobrança para que o ser humano seja cada vez o melhor em vários aspectos está claro na fala citada acima e com isso a auto cobrança e a auto competitividade para não ser deixado para trás, afinal, se o funcionário e/ou aluno perfeito consegue, é sinal de que todos nós também conseguimos, nem que seja necessária a utilização de medicamentos para nos manter ativos e produtivos.

Como forma de superação, sugere-se que a psicoterapia seja ofertada para tal público como forma de auxílio, para ter uma orientação sobre tais situações, como lidar e enfrentar toda essa pressão, alta demanda e competitividade que é imposta pela sociedade.

O processo terapêutico, mediado pelas ferramentas teóricas da Psicologia Histórico-Cultural, pode colaborar para a apreensão dos mecanismos velados pela sociedade capitalista e das leis gerais de determinação histórica e social que não estão dadas imediatamente à consciência, contribuindo para o desvelamento da realidade em direção à sua totalidade. Conforme Vygotski (2000), a autonomia não consiste na independência das necessidades socialmente constituídas e dos motivos que nos

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

conformam, mas na capacidade de tomarmos consciência deles e na possibilidade de agirmos para transformá-los (Aita & Facci, 2022, p. 10).

A psicoterapia auxiliará, através de ferramentas, para que o ser humano consiga se tornar consciente de tal situação, a maneira como lidar melhor e ressignificar alguns sentimentos e pensamentos, pois só vamos ser capazes de cuidar das nossas tarefas do dia-a-dia ou conseguir lidar com as nossas frustrações quando começarmos de fato a sentir esses sentimentos e vivenciá-los sem que sejam terceirizados pelos medicamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho propôs-se a responder às seguintes questões: quais os efeitos que o mundo do trabalho causa no sujeito trabalhador e quais as possibilidades de superação? Quais as consequências da medicalização sobre o rendimento universitário e profissional? Qual a relação entre a medicalização e a produtividade na sociedade capitalista? A busca pela resposta se baseou em revisão bibliográfica que abordasse inicialmente os principais prós e contras do uso de medicamentos, associando com a cobrança que a sociedade impõe ao ser humano: ser produtivo e fazer mais com menos. Como recurso mediador de discussão utilizamos o documentário americano “Take Your Pills” (2018), uma ferramenta essencial para fundamentar os pontos elencados em todo o trabalho.

No decorrer dos estudos através dos livros, textos e reflexões interligadas ao documentário, podemos analisar o quanto a sociedade capitalista cobra que o sujeito seja muito mais produtivo no trabalho e/ou nos estudos. Com isso, a cobrança excessiva pela produtividade ocasiona adoecimentos, fazendo com que o sujeito se sinta incapaz de executar suas tarefas com o mesmo ritmo de antes. Sendo assim, muitos iniciam a utilização de medicamentos controlados para que consigam executar suas atividades de maneira eficaz. Com o uso excessivo de medicamentos, o sujeito passa a se sentir capaz e eficiente para executar suas atividades, conseguindo competir com os demais. Percebemos também quanto muitos serviços e empresas, na lógica da sociedade capitalista, lucram com esta situação. Conforme retratado no

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

documentário, não é incomum diagnósticos apressados de médicos psiquiatras, que acabam por rotular seus pacientes com doenças, transtornos ou distúrbios, gerando a prescrição medicamentosa e, conseqüentemente, contribuindo para o crescimento e lucro da indústria farmacêutica.

Como forma de auxílio para esta temática tão importante, gostaríamos de evidenciar a magnitude dos estudos em Psicologia, na medida em que concentram seus olhares para a temática de medicalização e produtividade na sociedade capitalista. É, portanto, necessário destacar a importância do acompanhamento psicológico dos adolescentes e adultos que se encontram com dificuldades relacionadas à saúde mental. O acompanhamento psicológico tem por objetivo fazer com que o sujeito não se sinta tão pressionado para exercer sua função na vida acadêmica e/ou em sua produtividade no mundo do trabalho. Embora não esteja apenas na psicoterapia a solução de um problema tão complexo e abrangente, esta pode ser um dos recursos como alternativa à medicação, pois só conseguiremos dar conta de corresponder às demandas que a sociedade solicita e, ao mesmo tempo, manter a saúde mental, quando nossas emoções e sentimentos estiverem sendo cuidados. O uso de medicamentos anestesia o sentimento, mas ele não deixa de existir e, a qualquer momento, vem à tona.

REFERÊNCIAS

Aita, Elis Bertozzi; Facci, Marilda Gonçalves Dias. (2022). Psicoterapia e o Processo de Formação de Consciência: Uma Análise Histórico-Cultural. *Revista Subjetividades*, 22(2), e 12328, p.1-13, junho. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/12328/6866>. Acesso em: 11/09/2022.

Anvisa - Agência Nacional de Vigilância Sanitária (2012). Prescrição e consumo de metilfenidato no Brasil: identificando riscos para o monitoramento e controle sanitário. *Boletim de Farmacoepidemiologia do SNGPC*, 2(2). Disponível em: <http://antigo.anvisa.gov.br/documents/33868/3418264/Boletim+de+Farmacoepidemiologia+n%C2%BA+2+de+2012/c2ab12d5-db45-4320-9b75-57e3d4868aa0> Acesso em 17/08/2023.

Bardin, Laurence (2016). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70.

Carvalho, Saulo Rodrigues; Martins, Ligia Márcia (2016). Idade adulta, trabalho e desenvolvimento psíquico: A maturidade em tempos de reestruturação produtiva. In: L. M. Martins, A. A. Abrantes e M. G. D. Facci (Orgs.). *Periodização histórico-cultural do*

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

desenvolvimento psíquico: do nascimento à velhice (pp. 267-292). São Paulo: Autores Associados.

Facci, Marilda Gonçalves Dias; Urt, Sonia da Cunha (2017). *Precarização do trabalho, adoecimento e sofrimento do professor*. Teresina: Edufpi.

Gil, Antonio Carlos (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A. Disponível

em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/150/o/Anexo_C1_como_elaborar_projeto_de_pesquisa_-_antonio_carlos_gil.pdf Acesso em: 13/04/2022.

Gomes, Marianna Carvalho Ferreira; Carvalho, Karoline de Andrade Tavares; Mello, Denise Ribeiro Barreto (2018). O Sujeito e o Adoecimento no Trabalho: Uma revisão sistemática da obra de Dejours. *Temas em Saúde*, v. 18, n. 4, p. 44-58, João Pessoa. Disponível em:

<https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2018/12/18403.pdf> .Acesso em: 07/06/2022.

Lessa, Sérgio (2007) *Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo*. São Paulo: Cortez. Disponível:

<https://www.repositorio.ufal.br/jspui/bitstream/riufal/2279/1/Marx%20e%20a%20divis%3%a3o%20do%20trabalho%20no%20capitalismo.pdf> Acesso em: 04/05/2022.

Marx, Karl (s/d). *O 18 Brumário de Luís Bonaparte (1851-1852)*. Fonte digital: Nelson Jahr Garcia. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/4/o/brumario.pdf> .Acesso em: 31/08/2022.

Michaelis (2016). *Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/PRODUTIVO/> Acesso em: 12/04/2022.

Ribeiro, Maria Izabel Souza; Viégas, Lygia de Sousa (2016). A Abordagem Histórico-Cultural na Contramão da Medicalização: Uma Crítica ao Suposto TDAH. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 8, n. 1, p. 157-166. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/14867/11684> .Acesso em: 14/04/2022.

Ribeiro, Laís de Araújo; Santos, Thays da Silva (2021). *Drogas Psicoestimulantes e a Produtividade acadêmica entre estudantes universitários*. TCC (Graduação) – Curso de Psicologia, Faculdade Pernambucana de Saúde – FPS, Recife. Disponível em:

<https://tcc.fps.edu.br/bitstream/fpsrepo/1039/1/Drogas%20psicoestimulantes%20e%20a%20produtividade%20acad%C3%AAmica%20entre%20estudantes%20universit%C3%A1rios.pdf> Acesso em: 28/07/2022.

Rios, Camila Fernanda Moro (2015). *O trabalho como Atividade Principal na Vida Adulta: Contribuições ao Estudo da Periodização do Desenvolvimento Psíquico Humano sob o enfoque da Psicologia Histórico-Cultural*. Dissertação de Mestrado. Curitiba, UFPR.

Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/41850/R%20-%20D%20->

ARTIGO

DOI: <https://doi.org/10.33872/conversaspsico.v4n1.medicalizacao>
[v.4, n.1] Jan./Jul.2023

[%20CAMILA%20FERNANDA%20MORO%20RIOS.pdf?sequence=2&isAllowed=y](#)
.Acesso em: 24/08/2022.

Rios, Camila Fernanda Moro; Rossler, João Henrique (2017) O Trabalho como Atividade Principal no Desenvolvimento Psíquico do Indivíduo Adulto. *Psicol. Estud*, Maringá, v.22, n.4, p. 563-573, out/dez. Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/37465/pdf> .Acesso em: 15/04/2022.

Stacciarini, João Henrique Santana; Chaveiro, Eguimar Felício; Borges, Ronan Eustáquio (2020). Trabalho, medicalização e pilhagem: o negócio da vida. *Revista Pegada*, Presidente Prudente, v.21, n.1, p.33-51, Jan/Abr. Disponível em:

<file:///C:/Users/Lucas/Downloads/6919-Texto%20do%20Artigo-28146-28033-10-20200515.pdf> Acesso em: 16/04/2022.

Take Your Pills (2018) Direção: Alison Klayman. Produção de Motto Pictures. Estados Unidos: Netflix.

Tesser, Charles Dalcanale; Barros, Nelson Filice de. (2008). Medicalização social e medicina alternativa e complementar: pluralização terapêutica do Sistema Único de Saúde. *Revista Saúde Pública*, São Paulo, v.42, n.5, p. 915-920, Out. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rsp/a/GDZVTGWvtCpC5gtBHIJ6tFSK/?format=pdf&lang=pt> .Acesso em: 07/06/2022.

Vigotski, Lev Semenovich; Luria, Alexander Romanovich; Leontiev, Alexis Nikolaevich. (2010). *Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem*. 11ª ed. São Paulo: Icone.

Vigotski, Lev Semenovich (1930). *A transformação socialista do homem*.

Vigotski, Lev Semenovich (1998). *Pensamento e linguagem*. Rio de Janeiro: Martins Fontes.

Zanelato, Eliete; Urt, Sonia da Cunha (2021). A atividade para adolescente: Contribuição da Psicologia Histórico-Cultural. *Psicologia em estudo*, Mato Grosso, v. 26, n. 45690.

Disponível em:

<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/PsicolEstud/article/view/45690/751375152096>.
Acesso em: 07/06/2022.

Zanolla, Silvia Rosa da Silva (2012). O conceito de mediação em Vigotski e Adorno. *Psicologia & Saúde*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 5-14, Abr. Disponível em:

<https://doi.org/10.1590/S0102-71822012000100002>. Acesso em: 24/08/2022.